

JOSÉ MIGUEL WISNICK • FERNANDO HENRIQUE CARDOSO  
PAULO MENDES DA ROCHA • JOAQUIM GUEDES  
JOSÉ PEDRO DE OLIVEIRA COSTA • JORGE NAGLE • DÉCIO  
PIGNATARI • RENATO REQUIXA • CONRADO SILVA  
CESAR FROTTÉ • MÁRIO RAMIRO • JÚLIO PLAZA

**DEDALUS - Acervo - FFLCH-FIL**

300  
V813

A Virada do século :



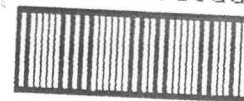
21000033614

## A VIRADA DO SÉCULO

Reflexões sobre a passagem do milênio

Organização: Anna Carboncini

TOMBO : 73036



SBD-FFLCH-USP  
BIBLIOTECA DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS SOCIAIS



EDITORA PAZ E TERRA/EDITORA DA UNESP  
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA — S.P.

O MIMÉTICO, A INTERFERÊNCIA E O INSTANTE  
NOS MM (MASS MEDIA)

Júlio Plaza

Na sociedade pós-industrial  
A média com a mídia  
É a constante

Os MM (meios de massa) na era risonha  
Nos acostumaram a homologar os seus “jogos de linguagem”  
E a riqueza retórica das imagens  
Na pobreza de suas mensagens  
Que se consubstanciam como representações  
No sistema da indústria cultural  
E no “fluxo indiferenciado e descodificado” do capitalismo  
Que “destrói as coisas belas”

Os mercados estão atentos a toda diferença  
Suscetível de uma recodificação  
Que a tornará indiferente e esgotará seu sentido

O ruído transmutado em mensagem e vice-versa

Ruídos e perturbações são interferências semânticas  
Que são a reserva de signos potenciais  
Esperando seu turno numa sociedade  
Que renova lógica e vertiginosamente o material sógnico  
Uma sociedade semiorrágica  
Metáforas de anarquia

Em função do espetáculo ideológico-cultural  
E artístico-mercantil  
Os MM ejaculam conforme o modo da moda  
O-novo-como-novidade-como-novo. . .  
“O que há de novo pinta na tela da Globo”

Na ubiqüidade dos MM  
Não se aspira a um contra-sentido  
Mas à exacerbação *ad nauseam*  
Da mesma natureza simulatória  
E às interferências retóricas  
Deglutidas no fluxo das representações massivas  
Onde o homem vira suco

Se o excremento o sexo a comilança a bebedeira a risada  
São práticas da semiorrágica carnalizante  
Oposta ao estilo da cultura oficial medieval  
A tática produtiva do humor difuso  
Da alegria teleguiada dos risos programados em *off*  
Serve a fluidez das operações de comunicação e consumo  
E a identificação “entre nós” do gruparismo imaginário  
Como forma de gregarismo cultural  
“O que há de quente pinta na tela da gente”

Na face risonha do pós-moderno  
A sociedade *middle class* mediúnica  
Espelha-se na mesmice da tela risonha  
Festa da mídia eletrônica

Este irracionalismo do racional promove o ritual  
Que se apropria do desejo coletivo e individual  
Enlatando as paixões pré-fabricadas  
No mimetismo cultural  
E na ética do útil-agradável

À menor realidade erótica  
Mais formas sexualizadas no espetáculo

No funcionalismo da produção de sentido  
Onde se objetiva a ordem sócio-econômico-cultural  
E no utilitarismo do progressismo mercantil teleonômico do lucro  
“Os fins justificam os meios”  
Occidental-mente

Tudo mais  
Entra como conteúdo dos MM em instantaneidade inclusiva  
Mimetiza-se e se trasveste  
Na roupagem dos mídia como processo-produto-de-representação  
E sobrevivência  
Onde a obrigação de produzir aliena a paixão de criar

E logo o volátil  
O tudo-nada da lógica dos produtos ideológicos  
Da sociedade “pós-ideológica”  
Que busca a identidade no jogo ilusionista da catarse

As artes artesanais também entram nessa  
Como conteúdo das artes pós industriais  
O que dá status “cultural” aos MM  
E produz orgasmo nos artistas

Em troca  
Os MM criam o célebre

Mas os MM não são unidimensionais  
Repensando seus suportes  
Eles nos dizem das suas múltiplas faces na sua performance:  
A função referencial  
Pois os MM nos religam aos produtos de forma instantânea  
E insistente  
De tal modo a prolongar a mirada sobre o mesmo

Eles nos falam também da exacerbação da função de contato  
A procura do “ouvir”: v. está aí?

Também da metalinguagem *soft*  
Através do fechamento dos discursos sobre si mesmos  
Que se desliza para a performatividade do consumo  
E sobretudo no repúdio à exigência  
De representar mimeticamente o real  
Pois é a vida que imita o videoclip

Também falam de suas memórias  
Que como arquivo de semelhanças  
E suportes de “museus imaginários”  
Organizam a cultura do disponível como o sonho:  
Londres Paris New York etc. etc. estão nos *chips* de silício  
E formam a “aldeia global”

“A mudança de ilusão a ritmo acelerado dissolve  
Pouco a pouco  
A ilusão de mudança”

#### A INTERFERÊNCIA

O universo reprodutivo dos MM  
Transforma nosso mundo “natural” em ambientes-mensagens  
Os MM são lugar e motor de processos de hibridização  
Tradução e conflito  
Como colagem ambiental de suportes e signos

Assim o sentido da “arte” e “cultura”  
Não procede mais na natureza  
Mas dos MM e seus programas

As noções de “criação” “arte” “artista”  
Resultam da herança secular  
E do monopólio do único metafísico

Mas a “espontaneidade” da criação  
Traduzida nos diversos MM  
Sofre adaptação e transformação

Pela capacidade de absorção dos diferentes códigos  
Que emigram de uns meios para outros  
Quebrando a noção de “arte”  
(Como objeto-informação individualizado)

Aparecem os fenômenos de complementação  
Relatividade e disponibilidade  
Produção e programação

A hibridização nos dá a multiplicidade  
De universos paralelos e simultâneos  
Que tendem a perder seus contornos e fronteiras fixas  
Tornado obsoletas as fronteiras territoriais  
E os partidos políticos

Hoje a arte não está mais na “arte”  
Nem no “museu”  
Nem no “artista”  
Ela emigrou para os conglomerados sógnicos  
(Incluindo-se aí o homem — que é signo —)  
Os multimeios  
E também o “real”  
Que é linguagem  
Dança de réplicas simulacros e substitutos

Os multimeios constroem multirealidades  
Conflitantes e dialéticas  
Sob o signo do amálgama

É a multicomunicação que descentra a autoridade  
E não tributa ao código central da escrita alfabética

O fluxo da corrente lógica da consciência  
É estilhaçado  
Abrindo-se a fenda pelo folhear e a mixagem

Com a ruptura da lógica linear e discursiva  
Surtem a bricolagem e os intercódigos  
Como prolongamento infinito das reproduções  
O universo da comunicação vira mistura e amálgama

Mas a causalidade conflitiva  
Entre representações de massa  
É um fato  
O resultado é um mosaico de eventos  
Que muda a noção da história

Folhear-explorar a mistura interferente  
Torna-se praxe no mundo atual  
Por isso a eletrônica comanda o mundo pós-moderno

O folhear os MM com a visão descontínua  
Em trajetos aleatórios  
Nos leva à mistura cinética dos sinais  
Que criam configurações probabilísticas  
Como “ruídos coloridos” de cultura mosaica  
Os instantes insólitos articulam-se  
Como em Lautreamont:  
“O reencontro casual do guarda-chuva  
E a máquina de costura na mesa de operações”  
Performance de sentido

Mas a presença dos MM  
Contrai-dilata  
E nos bombardeia em múltiplos espaço-tempos  
Criando a ubiqüidade  
Que se desloca desloucha-mente ao gosto da máquina  
E estilhaça o único em telepresença  
Ou heteropresença  
Que se opõe ao ideológico “voltar às raízes”  
Dos saudosos “bons velhos tempos”

Subvertido o conjunto de nossas instalações culturais  
Os multimeios esterilizam e estilizam  
Os modelos culturais de outros espaço-tempos:  
Reescritura da história

A cultura fixa da tradição  
É animada através dos meios tecnológicos  
O centro é deslocado no passado para o futuro:  
Transculturação

Surge a “sociedade do espetáculo” ou “pós-industrial”  
Que se dissolve entre o verdadeiro e o falso  
A ficção e o real  
O passado e futuro  
História e espetáculo  
Virtualidades  
Simulacros

Nessa  
Os MM engolem em instantes  
Todos os procedimentos estéticos  
Das vanguardas históricas  
(A própria TV é a síntese da história da pintura)  
E os vomitam e performatizam em “jogos de linguagem”  
No seu sistema reprodutivo  
Que visa a objetivação da indústria cultural

#### *O INSTANTE*

Ao lado do reprodutivo e continuístico  
Há o produtivo e criativo (o inútil)  
Ou princípio do prazer  
Que não homologa a utilidade dos aparelhos  
Que simulam um tipo de pensamento

Na contemporaneidade pós-industrial  
E a contrapelo da autoridade da tradição das artes  
Dá-se lugar à investigação e à tradução

Do certo ao provável  
Não se criam obras novas  
E sim novas artes

Desautomatiza-se a percepção  
Haja consciência!

Contra as ciladas do consumo e da vivência  
O “PRODUSSUMO” e a experiência

Contra a mimética da novidade ou eterno-efêmero  
A poética do NOVO ou efêmero-eterno  
O instante  
Com prazer

Macluham pergunta:  
“Que tipos de arte poderiam servir hoje para sondar  
E revelar as dimensões ocultas da eletrônica?”

Na arte pós-mídia como posto de ação e observação  
Todo pensamento articulado implica num mínimo de meios:  
Identificar os signos já é qualificá-los

Semear mensagens artísticas e poéticas  
Em meio a mensagens publicitárias  
É uma tentativa de estender a consciência  
Criando um contexto também consciente  
Porque insere um anti-ambiente  
Dentro de contextos anteriores

É que as ciências e tecnologias programam nossos ambientes  
Na forma de “museu sem muros”  
De tal modo  
Que se faz necessário o concurso do artista  
(Como sensibilidade viva)  
Como criador de consciência dos novos meios  
E contextos criados pela tecnologia  
Pois a arte está deixando de ser  
Um tipo essencial de objeto  
Para programar um tipo especial de espaço  
E isto é “tornar o planeta uma obra de arte”

Programar artes nos MM  
Representa dialogar em ritmo “intervisual” e “intertextual”  
Com os vários códigos da propaganda  
E é nesses intervalos entre os códigos  
Que se instaura uma fronteira fluida  
Entre propaganda e arte  
Uma margem de criação  
É nesses intervalos  
Que os meios adquirem a sua real dimensão  
As suas qualidades

Mas as coisas não são tão simples  
A inocência está excluída das linguagens e meios

A questão além de ser poética é também política  
O que implica na consciência  
De operações de transmutação signíca no instante  
Implicando na percepção do átimo de tempo  
Entre passado e futuro: o presente  
Consciência de linguagem

Assim  
3 alternativas se apresentam:  
A estrutural  
Ou criação de novos meios interativos em redes  
É o jogo com as estruturas e não com os eventos

A política: como federação de instantes  
Pois ceder uma polegada do qualitativo  
É ceder a totalidade do qualitativo

A poética: a informação corrigida  
No sentido da poesia

Mas é a própria tecnologia  
Que dá conta da primeira alternativa  
Possibilitando a criação de novos meios  
Mediante a associação de vários deles como produto  
Que sintetiza qualidades nunca antes existentes  
Isto pode ser visto nas redes de comunicação  
Que utilizam cablagem telefônica  
Criando meios interativos que dialogam com o usuário  
E rompem os fluxos unidirecionais dos MM  
E o lado democrático dos meios  
Que em rede *network* ou TV a cabo ou videotexto (entre outros)  
Tende a implodir a sociedade de massas  
E a comunicação centralizada nos seus aparelhos  
De transmissão hertziana *broadcasting* de informações  
Lado autoritário da sociedade industrial  
Prenunciando no dizer de W. Flusser  
A sociedade fascista do porvir

Enquanto as redes *network*  
Anunciam a sociedade democrática do futuro

Assim  
A organização da espontaneidade  
Correrá a cargo da própria espontaneidade  
Coordenação vs. hierarquia

A política:  
Revisitando as simetrias benjaminianas  
“Ler o que nunca foi escrito  
É a leitura mais antiga. . .”  
“Leitura das vísceras” dos MM  
Assim como a leitura das constelações dos processos estelares  
Que nos revelam as “semelhanças imateriais” nos seus suportes

O semelhante dá-se na transparência dos MM  
Em apenas um instante  
Com a “velocidade relâmpago”  
O único possível causador de ruptura  
Como o demônio da analogia que instaura a ironia  
Na teleonomia dos MM

Deter o tempo  
Federar os instantes.  
Pois tudo se constrói no presente

Interromper o fluxo  
(Ou criar novos fluxos-piratas)  
Parar o relógio  
“Tal como se vislumbra num instante de perigo”

O sistema não está construído  
Pelo “tempo homogêneo e vazio”

Mas está saturado de presentes  
De tempo-pleno  
tempo-agora

Na comuna de Paris (e no primeiro dia de luta)  
Disparou-se simultaneamente sobre os relógios das torres:  
“ . . . pour arrêter le jour”

Também na FEBEM (revoltas de 1986)

Elvis Presley disparou contra sua TV  
Talvez por não suportar o fluir do tempo

E o relógio parado de Hiroshima denuncia  
O assassinato em massa  
Num dia e hora de 1945

Os principais suportes logísticos  
De encantamento da comunicação  
Não enfrentam esta parada:  
DETER o movimento progressivo centrífugo  
Da comunicação simbólica  
Para substituí-lo pelo movimento centrípeto  
Princípio do prazer  
O inútil  
A “contra-comunicação”  
O registro do tempo-pleno

Cabe ao sujeito histórico  
Resgatar esses instantes plenos de similaridade  
Em configuração com os outros  
Em federação de instantes  
(Pois cada instante desmorona  
Em restos de passado e futuro)

É no tempo da duração do fluxo  
Que se arraigam os momentos virtuais  
Os possíveis  
Instantes poéticos e políticos  
Que podem interromper o fluxo da comunicação  
A maneira *zen*  
 (“Ou caminho que não leva a lugar nenhum”)  
E que configuram a nossa sensibilidade  
Entre o dito e o entendido  
Entre o dizível e o dizer

Assim:  
O semelhante  
O jogo lúdico com as regras

(A busca do prazer é a melhor garantia do lúdico)  
O caráter espontâneo dos meios  
(Só a criatividade é espontaneamente rica)

Como contemporaneidade  
Entre pensamento-ação acaso e imprevisibilidade  
A sobriedade dos meios  
Vazio simplicidade ausência  
A naturalidade a serenidade o essencial  
O inacabado o imperfeito a realização prática  
A ressonância e sincronia dos tempos  
A atitude de interrogação e surpresa  
Diante da coisa tecnológica  
Como algo enigmático remoto efêmero misterioso  
Que configura o nosso imaginário

É por isso que as formas tecnológicas  
Quando obsoletas no tempo e função  
Tornam-se também arte

O que interessa são os meios e não os fins

Política  
Poética  
Oriental-mente

\* \* \*